
ARTIGOS

Hermenêutica fundamentalista: uma estética do interpretar*

*Júlio Paulo Tavares Zabatiero***

Resumo

Neste artigo o fundamentalismo é analisado, em termos da genealogia foucaultiana, como uma estética do existir, na qual a relação com a verdade é estabelecida de modo autoritário, absoluto e intolerante. Traçando a genealogia da estética fundamentalista a partir da filosofia cartesiana, o artigo discute a presença e prática dessa relação com a verdade na religião, na filosofia e no mundo acadêmico em geral. Na segunda parte do artigo o foco recai sobre a hermenêutica bíblica fundamentalista, especialmente sobre a prática da leitura bíblica pelo fundamentalismo cristão iniciado no final do século XIX e primeira década do século XX, oferecendo algumas razões da fascinação que tal tipo de hermenêutica exerce sobre agentes religiosos.

Palavras-chave: Fundamentalismo – Hermenêutica – Estética – Literalismo bíblico – Michel Foucault – Filosofia cartesiana.

Fundamentalist hermeneutics: an aesthetics of interpretation

Abstract

The Foucaultian methodology of genealogical research is applied to the critical and historical study of fundamentalism as a kind of cosmovision present in religion, philosophy and the academy in general, since Descartes. Fundamentalism is viewed as aesthetics of existence, a relationship to the Truth in an authoritarian, absolutist, and intolerant way. In the second part of the essay, the focus is on the biblical hermeneutics of Christian Fundamentalism, especially on the fascination that hermeneutics exerts on religious people.

Keywords: Fundamentalism – Hermeneutics – Aesthetics – Biblical literalism – Michel Foucault – Cartesian philosophy.

* Texto apresentado na XI Semana de Estudos de Religião, Umesp – 2 a 4.10.2007.

** Doutor em Teologia. Faculdade Unida de Vitória: Coordenador de Pós-Graduação e Pesquisa. Principais publicações: Manual de Exegese (Hagnos, 2007): Fundamentos da Teologia Prática (Mundo Cristão, 2006). E.mail: jzabatiero@uol.com.br.

Hermenêutica fundamentalista: uma estética de interpretar

Resumen

En este artículo el fundamentalismo es analizado, en términos de la genealogía foucaultiana, como una estética del existir, en la cual la relación con la verdad es establecida de modo autoritario, absoluto e intolerante. Trazando la genealogía de la estética fundamentalista a partir de la filosofía cartesiana, en el artículo se discute la presencia y la práctica de esa relación con la verdad en la religión, en la filosofía y en el mundo académico en general. En la segunda parte del presente trabajo el énfasis recae sobre la hermenéutica bíblica fundamentalista, especialmente sobre la práctica de la lectura bíblica por el Fundamentalismo cristiano iniciado a finales del siglo XIX y en la primera década del siglo XX, ofreciendo algunas razones de la fascinación que tal tipo de hermenéutica ejerce sobre agentes religiosos.

Palabras clave: Fundamentalismo – Hermenéutica – Estética – Literalismo bíblico – Michel Foucault – Filosofía cartesiana.

Introdução

O tema que nos congrega nesta tarde é a hermenêutica fundamentalista. Que significamos quando usamos essa expressão: “hermenêutica fundamentalista”? O primeiro referente que nos vem à memória é o tipo de interpretação da Bíblia praticado por pessoas que fazem parte do chamado fundamentalismo cristão – ou seja, cristãos ultraconservadores teologicamente, que consideram documento fundamental de sua fé os volumes originais da coleção *The Fundamentals*, publicados a partir de 1909 (posteriormente editados em quatro volumes), em uma edição que ficou sob a responsabilidade final de R. A. Torrey¹. Não é dessa hermenêutica, porém, que falarei. Também não tematizarei a forma radical e violenta de comportamento religioso que atualmente é chamada de *fundamentalismo*, islâmico e/ou cristão. Meu propósito é outro, de cunho mais hipotético e provocativo. Desejo refletir sobre a estética² fundamentalista na hermenêutica, ou seja, sobre um modo de interpretar a Bíblia que perpassa diferentes teorias, movimentos e instituições. Uma estética, ou seja, um estilo de interpretação, uma atitude hermenêutica, que não se identifica com nenhuma teoria ou método específico, mas os perpassa a todos igualmente.

¹ A edição em quatro volumes está disponível na internet. O prefácio à edição encontra-se em: <http://www.xmission.com/~fidelis/volume1/volume1.php>. Acesso em: 30 ago. 2007. Uma tradução em português foi publicada recentemente: TORREY, R. A. et al. *Os fundamentos*. São Paulo: Hagnos, 2006.

² O uso do termo *estética* aponta para o pensamento foucaultiano como uma das bases de minha exposição.

Em primeiro lugar, apresentarei uma breve genealogia da hermenêutica fundamentalista, à qual se seguirá uma sintética exposição sobre a *estética* hermenêutico-fundamentalista propriamente dita e, finalmente, oferecerei minha resposta ao tema geral desta Mesa: hermenêutica fundamentalista da Bíblia – *isso funciona?*

1. Breve genealogia do fundamentalismo hermenêutico

Não pretendo esgotar a busca³ genealógica da estética fundamentalista, mas apenas reconstruir sua face mais tipicamente “moderna”⁴. O primeiro ancestral da linhagem fundamentalista pode ser reconhecido em René Descartes, um *pensador* fundamental para a modernidade. Com seu axioma fundamental – *cogito ergo sum* – ele conclui a busca da certeza *certa*, que fundamenta todas as demais certezas não tão certas (algo que lembra uma passagem bíblica “quem edifica sua casa sobre fundação sólida”). Seu projeto filosófico é adotado por muitas pessoas e instituições que acreditavam (e ainda acreditam) que o ser humano, racionalmente, é capaz de descobrir a verdade e agir em função dela. Esse axioma encontrou na interpretação da Bíblia um espaço fecundo de funcionamento, pois na Escritura se pode encontrar a certeza mais certa possível⁵.

Desse axioma decorre uma *imagem* fundamental para a modernidade, o sujeito:

O sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo – contínuo ou “idêntico” a ele – ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. (HALL, 1998, p. 10-11).

³ Se seguisse as distintas descrições críticas da história da filosofia ocidental de Heidegger e Rorty, por exemplo, esta genealogia deveria remontar aos tempos prístinos da filosofia grega, pelo menos a Platão.

⁴ Usarei os termos *modernidade* e *pós-modernidade* por economia de expressão. Não os uso, porém, como descrições acuradas de dois períodos históricos distintos entre si, mas apenas como descrições aproximativas de tendências intelectuais europeias ora em processo de globalização.

⁵ Em *Para além da interpretação*, Gianni Vattimo descreve e critica o que ele chama de hermenêutica “padrão” no pensamento filosófico moderno, em termos similares aos aqui apresentados, claramente com uma amplitude bem maior.

Nessa concepção, o sujeito é mais bem-visto como uma “mente” do que como um “corpo”, conseqüentemente, sua relação com o mundo exterior (à mente) é a de sujeito – objeto. Não admira que se tenha construído, a partir daí, a ideia do homem branco, europeu, adulto, educado, empreendedor, conquistador como o próprio “sujeito universal”. A concepção iluminista do sujeito prescindia dos atributos de gênero, cultura, posição socioeconômica, religião; de fato, prescindia dos “não-sujeitos”, mulher, pobre, índio, negro, doente, criança, idoso etc. É este o sujeito que interpreta a Bíblia e encontra nela sua própria imagem.

Razão e fé formam o binômio que expressa um *conflito* fundamental para a modernidade. A certeza certa tem seu fundamento no sujeito interpretante e não no sujeito revelador. É na autonomia humana que se encontra o firme fundamento de toda a verdade e, conseqüentemente, da liberdade – das autoridades humanas e, principalmente, das divinas e semidivinas. O debate entre liberalismo (racionalismo) e fundamentalismo cristãos é uma das expressões desse conflito: como ser, simultaneamente, racional e cristão? A tendência chamada de *liberal* acentua o polo da racionalidade, enquanto a chamada *fundamentalista* acentua o da fé heterônoma.

Esse debate revela uma *anomalia* fundamental na modernidade: a exegese *histórica*, em suas duas vertentes gêmeas rivais, a histórico-crítica e a histórico-gramatical – anomalia porque reintroduz a Escritura, a revelação, no palco da racionalidade e da ciência, no próprio âmago da Universidade. Irmãs gêmeas rivais em tudo entre si, aparentemente antípodas uma à outra, mas, de fato, unidas em sua apreciação da Escritura a partir do critério historiográfico da verdade – critério que, a certo tempo, veio a ser chamado de historiografia rankeana ou positivista: a ciência da história descreve os fatos conforme eles realmente aconteceram. A diferença fundamental entre essas irmãs gêmeas é filosófico-teológica. A primeira, *crítica*, valoriza mais a visão iluminista-positivista – o que não pode ser provado historicamente não pode ser crido nem aceito como verdade da fé – e, teologicamente, é menos conservadora. A segunda, *gramatical*, é de cunho antiiluminista, filosoficamente falando, e, do ponto de vista teológico, acentuadamente conservadora – o que contradiz o sentido *claro* da Escritura não pode ser crido nem aceito como verdade.

Um último elemento desta breve genealogia da hermenêutica fundamentalista é a *vocação* fundamental da modernidade: subjugar toda a humanidade à verdade clara, certa e segura. Não mais a globalização da fé cristã, projeto do Ocidente medieval católico-romano, mas a globalização da fé racional, antropocêntrica. Fascinada com o poder da verdade, a Europa racional, sucessora da cristandade, não consegue deixar de se expandir para todas as direções do nosso planeta, não só para abrir novos mercados para seu comércio e sua

ciência expansionistas, mas também para difundir o verdadeiro sujeito e libertar os *bárbaros* e *infieis* do cativeiro da ignorância e do atraso. Expansão globalizadora que continua até hoje e não permite que fiquemos tranquilos com a descrição de nossos tempos como pós-modernos⁶. Processo globalizador que, movido pela sede insaciável de progresso, acaba por encerrar a mudança na mesmice. Com o fim da mudança, ou seja, com o fim da perspectiva moderna da temporalidade como mudança progressiva, chegou ao fim também o “Terceiro Mundo”, na medida em que nada mais as sociedades do chamado Terceiro Mundo podem oferecer como resistência à ocidentalização, a não ser um neotradicionalismo – uma resistência sem perspectiva de mudança, defendendo a identidade cultural não mais como contraposição à identidade do colonizador, mas como “diferença entre iguais”. Como consequência, somente o “moderno” existe em tais sociedades, mas agora batizado de pós-moderno:

a antiga temporalidade não mais existe, deixando uma aparência de mudanças ao acaso, as quais são meramente uma estase, uma desordem posterior ao fim da história. [...] Enquanto isso, é como se o que costumava ser caracterizado como Terceiro Mundo tivesse penetrado os interstícios do Primeiro, uma vez que este último também se desmoderniza e desindustrializa, emprestando à antiga alteridade colonial algo da identidade centrada da antiga metrópole⁷.

2. A *estética fundamentalista*

A breve genealogia acima exposta indica, com clareza, que percebo o *fundamentalismo* como uma estética do existir, e não como uma identidade especificamente religiosa⁸. Nesse sentido, percebo o fundamentalismo não

⁶ Jameson analisa a temporalidade pós-moderna em termos que se aplicam muito bem à descrição aqui sugerida da vocação moderna: “por meio da destruição das sociedades tradicionais [...] (visa) deixar todo o planeta disponível para as manipulações das grandes corporações: preparar um presente puramente *fungível*, no qual o espaço e as psiques possam igualmente ser processados e refeitos à vontade, com uma tal ‘flexibilidade’ que a criatividade dos ideólogos, ocupados em cunhar novos adjetivos brilhantes para descrever as potencialidades do ‘pós-fordismo’, mal pode acompanhar.” (JAMESON, Fredric. *As antinomias da pós-modernidade*. In: _____. *As sementes do tempo*. São Paulo: Ática, 1997, p. 29).

⁷ *Ibidem.*, p. 34s.

⁸ “Em sua interpretação fundamentalista, a religião não é uma ‘questão pessoal’, privatizada como todas as outras escolhas individuais e praticada em particular, mas a coisa mais próxima de uma *completa mappa vitae*: ela legisla em termos nada incertos sobre cada aspecto da vida, desembaraçando desse modo a carga de responsabilidade que se acha pesadamente sobre os ombros do indivíduo.” (BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. p. 229).

como “revolta contra a modernidade”, mas como o *alter ego* reprimido da modernidade, a barbárie que se encobre nos monumentos da civilização⁹. Em outras palavras, a atitude fundamentalista é o *grotesco* da experiência moderna da verdade, uma estética vivenciada pelo avesso, sob o signo da perversão. Estética vivenciada não só por fundamentalistas religiosos, mas especialmente por *fundacionalistas*¹⁰ de toda estirpe. Enquanto uma estética do existir, o fundamentalismo está em/entre nós; a cada instante sua sombra se projeta sobre nossas práticas e revela a pouca luz que o esclarecimento moderno nos trouxe.

Enquanto estética, o fundamentalismo seduz. Seduz porque oferece um fundamento epistêmico sólido – o saber certo, a verdade incontestável sobre a qual se pode construir o esplêndido edifício racional da ciência e da técnica. Seduz, porque oferece fundamento existencial seguro – a identidade fixa, que fundamenta o sentido da vida, uma *autoridade* suprema pseudoautônoma que nos livra da liberdade de viver sem Deus e contra Deus. Seduz, porque propicia um fundamento religioso inabalável – um deus controlável, não-arbitrário, sempre-presente, um *Da-sein*, mero existente entre os existentes. Seduz porque vivemos em um ambiente sociocultural em que “tudo o que é sólido desmancha no ar”¹¹, e não podemos caminhar sobre as águas. A estética fundamentalista, ou fundacionalista, é sedutora porque oferece uma resposta ao confronto¹² entre o espiritualismo e o materialismo, duas visões metafísicas

⁹ A famosa VII das “Teses sobre a história”, de Walter Benjamin.

¹⁰ Adoto, aqui, o termo consagrado por Richard Rorty em sua crítica da filosofia ocidental. Não deixa de ser revelador o uso deste sinônimo de fundamentalismo pelo filósofo anglo-saxão. A academia reservou o termo *fundamentalismo* para as religiões, mas não pode escapar da percepção do caráter fundamentalista presente em toda a tradição intelectual ocidental, pelo que a denomina *fundacional*. Uma das descrições rortyanas do fundacionalismo é a seguinte: “Nós, anti-fundacionalistas, porém, consideramos o racionalismo iluminista como uma tentativa desafortunada de derrotar a religião em seu próprio jogo – o jogo de pretender que há algo acima e além da história humana que se assenta no trono do juízo sobre a própria história”. (RORTY, Richard. *Democracy and philosophy*. Disponível em: <<http://www.eurozine.com/articles/2007-06-11-rorty-en.html>>. Acesso em: 22 jul. 2007.

¹¹ Uma das famosas frases do Manifesto Comunista, adotada por Marshal BERMAN. *Tudo o que é sólido desmancha no ar*. A aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

¹² “Esse confronto produziu a noção cartesiana de ideias como aparências no palco de um teatro interno, tanto quanto a abordagem lockeana de palavras como signos de tais ideias. Mas, geralmente, produziu um quadro do conhecimento como uma tentativa de adquirir representações mentais acuradas da realidade não-mental. Abordagens representacionistas da relação entre linguagem e não-linguagem emergiram da tentativa de dividir a linguagem

opostas do mundo, e pode ser adotada por qualquer um dos oponentes nesse confronto epistêmico. Materialistas e não-materialistas sentem-se igualmente à vontade no museu fundamentalista.

A estética fundamentalista *seduz* porque reveste a natureza histórica e paradoxal de nosso conhecimento com o manto da unidade metafísica, que teimosos cientistas em pleno século XXI pretendem incorporar e tornar sua vocação pessoal¹³. Seduz, porque oculta sua práxis dominadora com o véu da forma definitiva da verdadeira sociedade, na qual não haverá mais ricos e pobres, apenas quem aproveita e quem desperdiça as oportunidades livre e igualmente acessíveis a todos. Seduz, porque outorga sacralidade ao sonho moderno da secularização e oferece uma racionalidade alternativa à do mercado, sem dela abrir mão na estruturação social. Seduz porque nos permite manter o bolo e comê-lo simultaneamente, ou, como pergunta o célebre e antigo comercial de biscoitos: “Tostines vende mais porque é fresquinho, ou é fresquinho porque vende mais?”. Seduz porque não se apresenta como tal, seu caráter grotesco é disfarçado pela luminosidade da nova moralidade¹⁴. Enfim, seduz porque não podemos viver sem ela, um sagrado às avessas, mas que atrai tanto quanto nos causa repugnância e asco.

3. A *hermenêutica* fundamentalista da Bíblia: isso funciona?

Para finalizar esta reflexão provocativa, cabe-me agora tentar responder à pergunta motivadora desta Mesa. Em uma palavra, minha resposta é *sim*.

em asserções que representam coisas reais e aquelas que não fazem isso. Na perspectiva historicista, a importância de Wittgenstein repousa em sua colaboração para nos arrancar do nosso mundo mental cartesiano-lockeano. Ele nos ajudou a superar a tentação de perguntar ‘que peças da nossa linguagem capturam a realidade e que peças não capturam?’ Nessa visão pragmatista de sua realização, ele não mostrou a metafísica como *nonsense*. Ele simplesmente mostrou-a como perda de tempo.” (RORTY, Richard. Wittgenstein e a virada lingüística. Disponível em: <<http://filosofia.pro.br/modules.php?name=News&file=article&sid=83>>. Acesso em: 19 mai. 2007.

¹³ Veja, por exemplo, o texto “O ateu deselegante”, de Richard Dawkins, publicado na Folha de São Paulo, caderno “Mais”, de 23 de setembro. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2309200701.htm>>. Acesso em: 23 set. 2007.

¹⁴ “De um lado, a hipermodernidade é a destruição de limites – é preciso ir sempre mais longe, conquistar sem cessar novos territórios, a ciência persegue a inovação a todo custo, as mídias se tornam cada vez mais radicais porque é preciso conquistar audiência “mas ao mesmo tempo existem normas, como o respeito aos direitos do homem, os valores éticos, a saúde, o amor “que não deixaram de existir e que continuam a orientar o comportamento de grupos e indivíduos.” LIPOVESTKY, Giles. O caos organizador. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1403200404.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2004. As “normas” de Lipovetsky pertencem ao que eu nomeio como estética fundamentalista.

De fato, após descrever o fundamentalismo como uma estética moderna do existir, não poderia dar outra resposta. Uma hermenêutica fundamentalista da Bíblia funciona enquanto uma estética do interpretar. E, como tal, ela não se identifica com nenhuma das teorias e metodologias hermenêuticas e exegéticas à nossa disposição, mas perpassa todas elas. Funciona, na medida em que atua nos interstícios da interpretação e, assim, é evocada sempre como acusação ao “outro” método, à “outra” teoria¹⁵. Vejamos alguns dos espaços nos quais funciona intersticialmente a estética fundamentalista.

Por mais paradoxal que possa parecer (embora não o devesse, pelo menos à luz da genealogia acima delineada), ela funciona na academia *crítica* – sempre que nesta exegetas depositem sua fé nos “resultados assegurados da pesquisa científica”, e demonizem¹⁶ toda e qualquer outra teoria hermenêutico-exegética como inferior, incapaz de descobrir o verdadeiro significado do texto, o verdadeiro contexto histórico no qual se originou e em que se desenvolveu a verdadeira intenção de seu autor¹⁷. É preciso olhar bem para enxergar a presença subreptícia da estética fundamentalista em uma descrição padrão da exegese histórico-crítica:

¹⁵ Não deixa de ser ironicamente emblemática a conclusão do artigo “Fundamentalismo e fundamentalistas”, de Augustus Nicodemus Lopes, identificado como fundamentalista por seus oponentes, mas no qual ele se contrapõe aos fundamentalistas, identificando-se como *reformado confessional*: “Por fim, o termo fundamentalista refere-se a um movimento relativamente recente na história da Igreja, e pode dar a idéia de mais uma novidade ou excessência da Igreja cristã moderna americana, enquanto que o reformado confessional se vê como aderente do cristianismo bíblico e das antigas doutrinas da graça”. (Disponível em: <<http://www.ipb.org.br/artigos/download/fundamentalismoefundamentalistas.doc>>. Acesso em: 30 ago. 2007).

¹⁶ Minha interpretação é semelhante (não idêntica) à seguinte: “Além das facetas decorrentes da fuga da ciência, há também aquelas que aparentemente usam a ciência, mas que, na verdade, utilizam o texto para confirmar determinada interpretação como a única autêntica [...] em lugar de se dar liberdade ao texto bíblico, para que diga o que quer (e o que pode), realiza-se uma trapaça metodológica, pois usa-se como pressuposto a interpretação que se quer provar. A mesma leitura é aplicada a todos os textos, mesmo quando eles não o permitem. Em geral são leituras contextuais [...]” (SILVA, Cássio M. D. da. *Crítica bíblica: um remédio contra o fundamentalismo*. In: MINCATO, Ramiro (org.). *Bíblia: ciência, fundamentalismo e exorcismo*. Porto Alegre: EST, 2007. p. 41.) É importante destacar que o que o autor citado chama de leituras “contextuais” são variações da exegese histórico-crítica.

¹⁷ Não custa nada reafirmar, e enfatizar, que não estou dizendo que a exegese histórico-crítica seja fundamentalista e que, por isso, não tenha desempenhado um papel precioso na desvinculação da pesquisa bíblica dos dogmas eclesiásticos. Reconheço que a exegese crítica possui papel indispensável na formação espiritual de cristãos e na capacitação de pessoas para não serem capturadas pela sedução da exegese *fundamentalista* em sentido estrito (a dos que afirmam a *inerrância* da Bíblia). Isto não impede, porém, que se possa criticá-la naquilo que ela merece ser criticada.

Exegese do Antigo Testamento é o esforço para determinar o sentido histórico, científico e documentável dos textos que foram transmitidos no Antigo Testamento. Exegese, portanto, enfrenta a *tarefa* de determinar o sentido e a intenção de proposições no texto recebido¹⁸.

Note-se, porém, o lapso fundamentalista presente na frase “o sentido *histórico, científico e documentável dos textos*” (como pode o sentido do próprio texto ser *científico*), ou o uso do verbo “determinar” na descrição da tarefa exegética. Este golpe da estética fundamentalista (o verbo *determinar*) é, de imediato, acusado pelo escritor, que se defende:

A exegese científica [...] considera o texto como uma entidade viva que aparece em relação com a vida. As atitudes fundamentais da exegese científica, portanto, são a atenção, a disposição para aprender, a capacidade para o encontro e o reconhecimento de limites na relação com o texto enquanto um outro, ou enquanto algo estranho¹⁹.

Em uma análise crítica da exegese histórico-crítica, por um seu adepto, podemos vislumbrar novamente a estética fundamentalista em ação:

A atomização de métodos e resultados na exegese histórica tem se tornado uma grande preocupação de todos [...] A situação é, de fato, crítica, mas não tem sentido apertar o botão de pânico [...] Uma das conseqüências é que a exegese histórica *não pode ser abandonada ou substituída*²⁰.

Há aqui uma confusão entre o fato de os escritos bíblicos estarem no passado e, por isso, necessitarmos de uma *perspectiva* histórica para estudá-los, e a *metodologia* histórico-crítica enquanto tal – que é apenas uma das abordagens possíveis de estudo dos textos bíblicos. Em poucas palavras: nenhuma teoria ou método de interpretação das Escrituras pode ser considerado o único válido, o único que alcance o “verdadeiro” sentido do texto. Aliás, é preciso, primeiramente, reconhecer que o sentido do texto possui

¹⁸ STECK, Odil H. *Old Testament exegesis: a guide to the methodology*. Atlanta: Scholars Press, 1995. p. 3.

¹⁹ Idem, p. 3s., grifos do autor.

²⁰ KNIERIM, Rolf. Criticism of Literary Features, Form, Tradition, and Redaction. In: KNIGHT, David. A.; TUCKER, Gene. M. (eds.) *The Hebrew Bible and its modern interpreters*. Philadelphia: Fortress Press, 1985. p. 126. Grifo meu, para indicar a teimosa presença da estética fundamentalista.

certa fugacidade, possui a característica de evento, que escapa à sobre-determinação do “verdadeiro” (normalmente entendida a verdade no âmbito da teoria da correspondência²¹).

Funciona na academia “fundamentalista”²², sempre que ela substitui a fé em Deus pela fé na verdade inabalável da revelação proposicional; sempre que ela substitui o *Logos encarnado* pelo *Logos enunciado*. Funciona sempre que uma declaração autoperformativa produza uma unidade doutrinária jamais presente na Escritura “babélica”. Funciona sempre que impede a discussão argumentativa, mediante o apelo irracionalista aos autógrafos. Funciona sempre que demoniza formas distintas de interpretação bíblica²³.

Como manifestação da presença da estética fundamentalista na academia *fundamentalista*²⁴, extraí os seguintes trechos da Declaração de Chicago sobre a Inerrância da Bíblia (1978). Essa presença me parece autoevidente (não é à toa que esta declaração foi formulada no movimento *fundamentalista* cristão norte-americano), mas me reservei o direito de destacar alguns trechos com itálico:

Artigo III.

Afirmamos que a Palavra escrita é, em sua totalidade, revelação dada por Deus. Negamos que a Bíblia seja um mero testemunho a respeito da revelação, ou que somente se torne revelação mediante encontro, ou que dependa das reações dos homens para ter validade.

²¹ “... no Ocidente, ‘verdade é a adequação da mente à coisa *ou fato*’ (*adequatio mentis ad rem*)”. SILVA, Cássio M. D. da. op. cit., p. 43. O autor acrescentou a expressão em itálico, para destacar a presença da teoria correspondentista da verdade no que eu chamei, acima, de história rankeana ou positivista. Note-se, porém, que essa não é a única concepção de verdade no Ocidente, mas a concepção que Rorty chama de fundacionalista e Habermas, de metafísica.

²² “Há, porém, uma forma especificamente moderna de religião [...] o fundamentalismo é um fenômeno inteiramente contemporâneo e pós-moderno, que adota totalmente as ‘reformas racionalizadoras’ e os desenvolvimentos tecnológicos da modernidade, tentando não tanto ‘fazer recuar’ os desvios modernos quanto ‘os ter e devorar ao mesmo tempo’ – tornar possível um pleno aproveitamento das atrações modernas, sem pagar o preço que elas exigem” (BAUMAN, op. cit., p. 226).

²³ O fato de que os inerrantistas fundamentalistas defendam a exegese histórico-gramatical não quer dizer, porém, que todas as pessoas que praticam a exegese histórico-gramatical sejam fundamentalistas. À exegese histórico-gramatical devem ser anexadas qualificações semelhantes às feitas em relação à histórico-crítica – ver nota 16, acima.

²⁴ O artigo já citado de Cássio M. Dias da Silva identifica a leitura fundamentalista da Bíblia com a hermenêutica do fundamentalismo cristão norte-americano (p. 39-41).

Artigo X.

Afirmamos que, estritamente falando, a inspiração diz respeito somente ao texto autográfico das Escrituras, o qual, pela providência de Deus, pode-se determinar com grande exatidão a partir de manuscritos disponíveis. Afirmamos ainda mais que as cópias e traduções das Escrituras são a Palavra de Deus na medida em que fielmente representam o original.

Negamos que qualquer aspecto essencial da fé cristã seja afetado pela falta dos autógrafos. Negamos ainda mais que essa falta torne inválida ou irrelevante a afirmação da inerrância da Bíblia.

Artigo XI.

Afirmamos que as Escrituras, tendo sido dadas por inspiração divina, são infalíveis, de modo que, longe de nos desorientar, são verdadeiras e confiáveis em todas as questões de que tratam.

Negamos que seja possível a Bíblia ser, ao mesmo tempo, infalível e errônea em suas afirmações. Infalibilidade e inerrância podem ser distinguidas, mas não separadas.

Artigo XII.

Afirmamos que, em sua totalidade, as Escrituras são inerrantes, estando isentas de toda falsidade, fraude ou engano.

Negamos que a infalibilidade e a inerrância da Bíblia estejam limitadas a assuntos espirituais, religiosos ou redentores, não alcançando informações de natureza histórica e científica. Negamos ainda mais que hipóteses científicas acerca da história da terra possam ser corretamente empregadas para desmentir o ensino das Escrituras a respeito da criação e do dilúvio.

Artigo XIV.

Afirmamos a unidade e a coerência interna das Escrituras.

Negamos que alegados erros e discrepâncias que ainda não tenham sido solucionados invalidem as declarações da Bíblia quanto à verdade.

Artigo XVI.

Afirmamos que a doutrina da inerrância tem sido parte integrante da fé da Igreja ao longo de sua história.

Negamos que a inerrância seja uma doutrina inventada pelo protestantismo escolástico ou que seja uma posição defendida como reação contra a alta crítica negativa.

Artigo XVIII.

Afirmamos que o texto das Escrituras deve ser interpretado mediante exegese histórico-gramatical, levando em conta suas formas e recursos literários, e que as Escrituras devem interpretar as Escrituras.

Negamos a legitimidade de qualquer abordagem do texto ou de busca de fontes por trás do texto que conduzam a um revigoração, desistorização ou minimização de seu ensino, ou a uma rejeição de suas afirmações quanto à autoria.²⁵

Embora as comunidades eclesiais, de modo geral, não se pautem pelas querelas acadêmicas sobre o verdadeiro método exegético, já que crentes leem o texto bíblico em busca da mensagem divina, e não da “verdadeira intenção do autor”, a presença intersticial da estética fundamentalista também se manifesta. A estética fundamentalista funciona na comunidade eclesial sempre que legitima o viver na *carne* como se fosse o viver no *Espírito*²⁶. Funciona ao legitimar um estilo de vida cristão baseado na certeza do visível e não na fé, certeza do invisível – estilo de vida encontrado em quaisquer ambientes eclesiais, independentemente de denominação, doutrina ou situação socio-cultural de seus membros. Funciona ao legitimar um estilo de vida cristão baseado na lei fixa e imutável das normas socioculturais mutáveis confundidas com a lei divina, e não na graça libertadora do Pai de Jesus Cristo. Funciona ao legitimar um estilo de vida cristão voltado para a satisfação do *si mesmo* e não centrado no amor a Deus e ao próximo. Funciona ao legitimar um estilo de vida cristão que faça a pessoa “morrer pela causa e viver sem razão” – embora, emblematicamente, fundamentalistas cristãos prefiram arremessar as bombas sobre seus inimigos e não se tornarem homens-bomba para chegar mais cedo ao paraíso. Enfim, funciona porque permite um abismo entre uma leitura *ingênua* e uma *crítica* da Escritura – ou seja, uma leitura que não perceba a alteridade histórico-cultural dos textos, e outra que a perceba e, exatamente por isso, não assuma a possibilidade de uma única interpretação legítima, “científica” do texto.

²⁵ Disponível em: <http://www.luz.eti.br/do_declaracaodechicago.html>. Acesso em: 22 mai. 2007.

²⁶ Uso aqui os termos paulinos, que não devem ser entendidos como um dualismo ontológico. Sobre o uso desses termos, pode-se ver, por exemplo, ZABATIÉRO, Júlio P. T. Reescrever a espiritualidade na vida: uma proposta para a leitura de Romanos 5-8. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, v. 30, p. 67-73, 1991.

Conclusão

Iniciei minha apresentação qualificando-a como provocativa²⁷, e da mesma forma a encerro. A estética fundamentalista é tentadora. Ao aceitá-la, não precisamos trocar o certo pelo duvidoso, não precisamos nos converter dos ídolos a Deus (já haviam dito isto, por exemplo, Nietzsche e Feuerbach, profetas “estrangeiros” às instituições eclesiais, como fora Balaão em relação aos israelitas, o jumento em relação a Balaão, Ciro, o persa ungido para libertar Judá do cativo etc.). Tentação dificilmente resistível, pois a estética fundamentalista empresta sublimidade à banalidade de nossa existência, fazendo de nossas particulares causas antropocêntricas um mandato divino. Tentação sedutora, pois ao aceitá-la temos a impressão de que ficamos livres da angustiada *imperfeição*²⁸ que marca todo nosso viver. Diante da espreita permanente da estética fundamentalista do viver e do interpretar a Escritura, resta-nos atentar à exortação bíblica: “Orai, pois, para que não entreis em tentação”.

Referências bibliográficas

- BAUMAN, Zygmunt. *O mal-estar na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BERMAN, Marshal. *Tudo o que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- DAWKINS, Richard. O ateu deselegante. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 23 set. 2007, Caderno “Mais”. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs_2309200701.htm>. Acesso em: 23 set. 2007.
- DICIONÁRIO HOUAISS. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm?verbeta=provocar&x=9&y=8&stype=k>>. Acesso em: 22 set. 2007.
- GREIMAS, Algirdas J. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker, 2002.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2 ed. Porto Alegre: DP&A Editora, 1998.
- JAMESON, Fredric. As antinomias da pós-modernidade. In: _____. *As sementes do tempo*. São Paulo: Ática, 1997.
- KNIERIM, Rolf. Criticism of literary features, form, tradition, and redaction. In: KNIGHT, David. A.; TUCKER, Gene. M. (eds.) *The Hebrew Bible and its modern interpreters*. Philadelphia: Fortress Press, 1985.
- LIPOVESTKY, Giles. O caos organizador. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1403200404.htm>>. Acesso em: 15 mar. 2004.
- LOPES, Augustus Nicodemus. *Fundamentalismo e fundamentalistas*. Disponível em: <<http://www.ipb.org.br/artigos/download/fundamentalismoefundamentalistas.doc>>. Acesso em: 30 ago. 2007.
- RORTY, Richard. *Democracy and philosophy*. Disponível em: <<http://www.eurozine.com/articles/2007-06-11-rorty-en.html>>. Acesso em: 22 jul. 2007.

_____. *Wittgenstein e a virada lingüística*. Disponível em: <<http://filosofia.pro.br/modules.php?name=News&file=article&sid=83>>. Acesso em: 19 mai. 2007.

SILVA, Cássio M. D. da. Crítica bíblica: um remédio contra o fundamentalismo. In: MINCATO, Ramiro (org.). *Bíblia: ciência, fundamentalismo e exorcismo*. Porto Alegre: EST, 2007.

STECK, Odil H. *Old Testament exegesis: a guide to the methodology*. Atlanta: Scholars Press, 1995.

TORREY, R. A. et al. *Os fundamentos*. São Paulo: Hagnos, 2006.

ZABATIERO, Júlio P. T. Reescrever a espiritualidade na vida: uma proposta para a leitura de Romanos 5–8". *Estudos Bíblicos*, Petrópolis, v. 30, 1991.